

# O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

∞ O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ∞

## MODAS.

Prometti dar-vos um molde dos — coletes de emancipação — para offerecerdes as vossas assignantes, e assim os poderem cortar e fazer sem custo e sem grande despendio: ali o tendes, e acompanhado de diversos riscos de lindos bordados, a ponto inglez, os quaes ao mesmo tempo são de mui facil execução. São dois colarinhos, guarnições de saias e mangas; e uma Modestia.

Antes porém de vos dar a explicação de tudo, sem faltar nem um ponto (bem sabeis como somos minuciosas nas explicações) relevae que eu vos dirija duas palavras em favor desta moda, a qual para o meu gosto, que não é dos espivados e cegos imitadores de tudo, merece plena approvação, ou *aprovado plenamente*, como diz o tal meu primo dos eclipses invisíveis. E tanto assim é, que já estou usando os meus coletinhos, não só nos meus passeios de campo, mas nas minhas visitas; e talvez... talvez ainda me resolva ir a certo baile com um cor de canario, bordado de matiz, que comprei na

casa de Mme. Barat, onde os ha mui lindos e de diversos feitios; veremos.

O colete de emancipação é uma destas modas distinctas e espezias, que de tempos em tempos Paris offerece ás suas elegantes para n'ellas produzir uma revolução e um furor que, como a electricidade, vae tocar todos os pontos da França, todos os circulos da sua sociedade, e por fim percorre victoriosa a Europa toda, e chega a America para ali fazer outro tanto, sempre bem acolhida em toda a parte.

O colete de emancipação pois é, desde alguns mezes á esta parte, o delirio e o furor das Parisienses, e o será de todo o bemdito sexo feminino, em qualquer parte que a moda se apresentar; porque esta moda, como já disse, foi das que se apresentou com a sua reputação feita pelo cubo da sua novidade e distincção, entre as modas actuaes, que apenas tem feito alguma differença no maior numero de babados ou de folhos, cintura curta e decotada, mudanças estas que mais ou menos já foram vistas e repetidas.

Mas um colete, um colete de homem (ora vejão que differença!) bem talhado, com sua gollinha em pé, ou de rebuço, ou de traspasse, empregado sobre o corpo esbelto e piramidal de uma menina de quinze a vinte annos, ou mesmo de uma senhora até aos seus trinta e cinco, é por certo mui bonito. Não se me dá de apostar, á vista do\* que em mim se passa, que o colete de emancipação vae ser uma das peças mais queridas, o talisman e o encanto, do guardar-roupa das elegantes. E' moda que faz ficar engraçado até o corpo das moças da roça!

Certamente eu por mim, que não amo o meu proximo só pela variação de sexo, digo e affirmo, que os coletes de emancipação vão bem em todas; de mais a mais, fazem a gente ficar com um certo mendengue e um que de attractivo e de seductor.... permitti que eu não acabe a phrase.... ou então, redigil-a-lhei melhor. As moças ficarão uns anginhos de graciosidade, verdadeiras tentações de colete, elegantes e gentis.... adeus! que vou pelo mesmo caminho! mas o que quereis; não posso tórrec a verdade. Sim, não vacitem ellas um só instante, em usar esta moda que lhes vae tão bem; eu me apresso pois, em dar-vos já a explicação dos modos do colete de emancipação.

Estes coletes podem ser feitos de seda, de lã, de fustão ou de metim.

Usão-se com uma saia de vestido e um paletozinho muito curto, arredondado nas abas, de mangas-pagode, guarnecidas de renda ou sem ella, e deixando descoberto o ante-braco. Este paletozinho não deve fechar, para poder deixar apparecer em toda a sua belleza o colete, que será justo e bem liso.

Os coletes devem ser de seda ou de lã, quando a saia e o paletozinho forem dessa mesma fazenda: não será jámais de bom gosto a combinação das sedas com as lãs e vice-versa.

O mesmo não acontece com os de fustão ou metim branco: estes coletes servem expressamente para todas as saias de cassa pintada ou branca, com tanto que ellas sejam sempre da mesma fazenda do paletozinho. Regra geral e invariavel — quer seja o toilette de seda, de lã, ou de cassa pintada, a cor do colete é unicamente a que pode variar. — Cortados os dianteiros, o forro de

costas e a golla, pelo presente molde, o modo de os fazer e costurar é o mesmissimo que o de um colete masculino.

Entretanto se alguma senhora encontrar duvida de execução entre o molde e o corpo, por ser mais gordo ou delgado, mais alto ou resumido, não tem mais do que dar largura ao forro das costas; um quasi nada aos dianteiros, e caval-os mais, augmentando tambem o comprimento da gola. Feito isto prova-se o colete para acertal-o.

Uma finissima camisiinha de peito de renda, cambraia de linho, ou tiras bordadas, presa a sua abertura por dous pequenos botões, é de grande rigor usar com estes coletes, sempre que elles não forem fechados até a cima. Em todo o caso a gravatinha de fita de veludo em laçada é inseparavel d'este toilette.

Ora aqui tendes a explicação de uma das modas mais elegantes; commoda, util e economica, que ha annos a esta parte tem apparecido. As senhoras em geral podem fazer, mesmo em casa, os seus coletes, bordal-os de marca ou ponto real, e fantasial-os conforme for o seu bom gosto, guardando com toda a cautela a combinação das cores, ponto essencialissimo em que se baseão as modas e o segredo de tornar brilhante e de bonito, qualquer toilette, por muito simples que elle seja. Sem isto, o ouro e os diamantes, as preciosidades do mundo inteiro, as mais bellas e finas fazendas, tudo se tornará em um montão de riquezas que, esquecerão a vista, e embaciarão o bom gosto.

Paremos aqui por esta vez. Adeus, minha querida Redactora.

Caette, 9 de janeiro.

## Ao passado e ao presente.

Eis terminado o anno de 1851! acabou risonho e cheio de encantos como havia principiado; seus bellos dias sempre alegres e bonançosos formarão um verdadeiro contraste com os luctuosos tempos, que os precederão; o anno de 1851, foi para o Rio de Janeiro um continuado folguedo, que nos deixou saudosos e doemente impressionados pelos seus repetidos e variados divertimentos; foi para o grande livro dos seculos, não uma pagina negra co-

\* Tambem na corte as ha sem sem sal.

\* Por chegar um pouco tarde este artigo não pode ser publicado no primeiro numero.

berta de legendas e epitaphios, mas uma pagina de ouro, onde se reflectem os mais lisongeiros pensamentos: oh! a tua recordação sempre nos será cara, por ti nossos peitos sempre exhalarão suspiros de saudades, por ti sempre conservaremos as mais bellas e agradaveis reminiscencias; acabaste como acabão os Heróes deixando indelevel lembrança de seus feitos!!

Prasa ao Céu, que o teu successor nos seja tambem propicio, e que se volva manso e tranquillo como brando ribeiro, que entre flores suavemente vae correndo; prasa ao Céu, que sejo seos dias outros tantos momentos de regosijo e geral contentamento.

Salve o anno de 1852! bem vindo sejas com as tuas ricas vestes de escolhidas galas! para longe de ti se afaste o sinistro crepe e miseraveis andrajos! bem vindo sejas protegido do Omnipotente, e que nos não tragas dissabores, e agonias.

A.

### Quem eu sou

#### E OS MEUS PROPOSITOS.

Fallar de mim mesma é uma triste-tarefa.

Socegai porem minhas pacientes leitoras; não cuideis que eu vou agora fazer a minha biographia, ou contar-vos, (cá em confiança) de modo que todo o mundo possa ouvir, se fiz milagres desde pequenina, se improvisei romances aos oito annos de idade, etc., etc.

Nem julgueis que vou fazer-vos alguma relação romantica e poetica dos meus sentimentos, impressões e sensações... Deos nosso Senhor de tal me defenda.

Confesso-vos entretanto que houve um tempo em que fui romantica da quinta essencia; mas no dia de hoje tudo mudou; é assim que é este mundo! eu á força de chorar acabei rindo-me, e fiz bem... Ao contacto dos vicios humaus, ao fogo activissimo dos desenganos do mundo, o meu coração encolheu-se e ficou secco, que nem pergaminho.

Mas em fim, quem sou eu?

Uma mulher escriptora; de mais á mais redigindo um Jornal; muita gente perguntará — quem é ella? —

*Femme Auteur* — Como dizem os Francezes.

Quem é ella?

Será velha ou moça?

Bonita ou feia?

Elegante ou excetrica?

(ENTR EPARENTESIS.)

Sabeis o que estou eu ouvindo minhas queridas leitoras?

Pois ouço uma *Corneta de caça* que um Inglez toca horas inteiras dentro da sua sala; ah! só um Inglez podia ter a lembrança de tocar semelhante instrumento! Se pega a moda estamos bem ayiadas.

Onde ficamos?

Ah! sim; dezejaes saber, ou vos perguntaes umas ás outras, se conhecem a Redactora do JORNAL DAS SENHORAS?

Não screi-eu quem vos tire da curiosidade. Os poetas e a pintara devem sempre ver-se de longe; porém os poetas principalmente devem olhar-se a travez do prisma caprichoso da illusão. Assim se goza dobradamente, e as vezes estima-se na fantasia um ser imaginariõ. Lembro-me sempre, que eu era apaixonada até o frenesi, das poeias de um Estevan Echeverria, a quem Alexandre Dumas, chamou — *Lamarline Americano* — esse moço, cujas rimas doces e sonoras penetravão como uma musica melodiosa até o fundo do meu coração, imaginava-o eu, pallido e formoso, meio homem meio arcanjo; e sobre tudo o que eu estava mais certa de encontrar nelle erão olhos grandes azues, de olhar profundo e sereno.

Ai! desgraçada!

Um dia apresentarão-me Echeverria!

Era moreno, hexigozo, feio, e tinha olhos pequenos e veços!

Eu dei um grito involuntario, e esclamei:

Pois este!... é Echeverria!!!

Este! — segundo a entouação da minha voz, era o mesmõ que dizer — este monstro! Foi uma dôr mortal a que eu senti vendo o meu *ideal* despeltaçado. Em quanto o pobre moço se deteve na minha casa, guardei-me muito bem de olhar segunda vez para elle, e depois, quando se foi embora, que eu evocava na solidade do meu pensamento a imagem do poeta dos meus sonhos, sempre se interpunha o espectro vesgo do tenebroso hexigozo.

Nunca mais li as rimas de Echeverria.

Por isso não vos direi quem eu sou.

Deixo-vos advinhar (não sou vesga nem hexigosa) e vou tratar dos meus propositos.

Já sabeis que me proponho á escrever.

Fallar em diferentes coisas, e sobre tudo, das mulheres, dos seus direitos, sua missão, etc.

Isto é; eu fallarei se Deos não dispuzer outra coisa, e se a este Jornal, lhe não aconte-

cer o que aconteceu lá na Espanha a um Tractado de economia política de Bentham. Pois é o caso; que no anno de Graça de 182... quando El-Rei D. Fernando queria fazer reviver a Inquisição, houve prohibição formal sobre a introdução de livros, e quanto livro ia a Alfândega era levado a uma commissão de Dominicanos; quiz a desgraça que deparassem com o tal Tractado de economia politica, e immediatamente foi elle condemnado a auto de fé, como correligionario de Rousseau, Mirabeau e Voltaire!

Quem sabe, se o innocente JORNAL DAS SENHORAS, não vae soffrer algum auto de fé privado.

Fallar nos direitos, na missão da mulher, na sua emancipação moral!

Mão, mão; isto não é leitura que se deva permittir nas casas de familia.

Mas Senhores, esperem um pouco; não lhes aconteça a historia do mónio com a noz verde. — Já sabeis o mónio trepou a noqueira, colheo uma noz, mordeo-lhe a casca, achou-a amargosa, e soltou a noz. Se elle tivesse tido a paxorra de ir mais adiante, não ficaria sem a comer.

Ora pois, isto que eu digo, é na supposição que haverá quem leia o que eu escrevo a esse respeito, do que eu tenho minhas duvidas, porque as vezes tambem acontece pregar-se o sermão no deserto; e eu, desde que ha dias deparei com uma folha do Judeu Errante — *Embrulhando astucar* — para logo fiz tenção de pedir ás minhas assignantes de fazerem encadernar este Jornal, bem encadernadinho.

Em fim, vamos adiante; sem duvida é assas monstruoso neste seculo das luzes, (em que todo o mundo está às escuras) não prestar ouvidos attentos ao Jornalista que vae tratar sobre assumpto tão interessante, como é o destino da porção a mais bella da humanidade; porém o que seria mais monstruoso e inaudito era que — os outros ouvissem sem ninguem lhes fallar — attendendo pois a esta consideração, que é de grande pezo, irei adiante com a minha tarefa; e em nome de Deus — *en avan!*

### Emancipação moral da Mulher.

Debaixo da mesma epigraphe publicamos outro artigo no n. 5 da Imprensa do Rio Grande do Sul.

Emancipação moral da mulher — o que vem a ser isto?

Ai! que temos revolução; dião por ali os que pugnando contra Deus e a natureza, que rem conservar o mundo estacionario.

Socegae.

Não se trata de levantar o estandarte da rebelião.

Rebelião inutil; o que nós vamos dizer, não são delirios de utopista, são verdades eternas, e que estão ao alcance de todas as intelligencias, mesmo modicres.

Verdades que os homens de boa fé, são os primeiros a proclamar, porque, á medida que o progresso melhora a condição moral do homem, elle mesmo sente a necessidade de elevar á sua altura aquella que Deus lhe deu por companheira.

É uma palavra de desprezo com que a vulgaridade dos homens, costuma designar o resumo de todas as miserias e defeitos humanos.

É mulher.

E com tudo é da mulher que elles recebem a vida!

É uma mulher que lhes perpetua a sua raça!

E a mulher é a sua inseparavel companheira! nas dores e nos prazeres!

Mas deixemos essas digressões; o que vem a ser essa tal emancipação moral da mulher?

Eu vo-lo digo

É o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade; é o justo gozo dos seus direitos, que o brutal egoismo do homem lhe rouba, e dos quaes a desherda, porque tem em si a força material, e porque ainda se não convenceo que um anjo lhe será mais util que uma boneca.

É um perigoso e terrivel inimigo para a realisação do nosso desejo, o egoismo do homem!..

De que serve illustrar o espirito da mulher, e desamparal-o sob as bases do progresso!

De que serve dizer isto tudo?

Convencid as estão ellas que têm essa alma que Deus lhes doou, e que o homem lhes nega; convencidas estão que o emprego util de suas faculdades moraes completa a obra do Creador.

Sim, a mulher conhece a injustiça com que é tratada, e reconhece perfectamente a tirania do homem; não é a ellas a quem temos de convencer da necessidade de sua emancipação moral.

Mas em quanto a educação do homem se não reformar, em quanto elle considerar a mulher como a sua propriedade, nada teremos feito.

Todas as mães devem muito seriamente des-sarraigar esse preconceito funesto do espirito de seus filhos; essa idéa de uma superioridade injusta deve desaparecer no homem, desde menino, porque é lhe fatal a elle mesmo.

Ora dizei-me, vós que pensaes de boa fé : qual é a unica coisa real e verdadeira entre esse montão de fantasmas que desvairão o espirito e o coração dos humanos ?

\* Qual é esse sentimento unico, que pairando luminoso, nos offerece a pequena porção de verdadeira ventura, que o mortal pode gozar n'este mundo de lagrimas ?

O amor !

Não encolhei os hombros, senhores materialistas : não comeceis a dar falsas interpretações a esta angelica palavra.

Não confundaes os instinctos animaes, com a melhor porção de nós mesmos — a alma — sim, a alma que tambem tem as suas necessidades supremas.

Não vos rebaxeis, senhores materialistas, até a classe dos brutos, porque até entre elles mesmos, encontrareis uma afinidade mysteriosa que as vezes os liga.

O amor !

Palavra que todos pronuncião — que poucos comprehendem !

Sentimento unico no nosso coração, quasi sempre illudido, poucas vezes desenvolvido a esse grão de perfectibilidade, em que duas creaturas isoladas do resto do mundo, vivem exclusivamente uma para a outra.

O amor.

Chave de todas as virtudes, echo do Céu, repercutido no fundo da alma humana, na qual desperta, todos os sentimentos puros e generosos, todos os instinctos beneficos que Deos derramou no coração do homem.

O amor.

Estrella brilhante do sorrir.

O amor.

Sim, o amor, essa fuzão mysteriosa de duas almas confundidas em uma só.

Essa protecção mutua e constante de dous corações irmãos.

E por ventura essa união inteiramente moral podera nunca realisar-se entre o senhor e sua escrava ?

Não.

Porque ante a superioridade de um dos sexos — o amor — se defilha, desaparece, e

troca o seu fagueiro riso em lagrima silenciosa.

Se os homens pudessem comprehender, todas as amolnações e profundas magoas que despedação o coração da mulher !...

O unico porvir que lhe deixarão, a unica esperança da sua vida inteira é — o amor !

Por isso o casamento é para ella, o alvo, o fim da sua existencia.

E o que encontra ella quasi sempre ? a decepção !

Ou uma tyrannia insupportavel, ou o abandono mais completo !

E porque ella encontra isso ?

Porque o casamento para a maior parte dos homens, é o unico meio de satisfazer um desejo, um capricho, ou simplesmente mudar de estado.

Ou assegurar a sua fortuna.

E' porque o homem diz : — *Minha mulher* — com a mesma entonação de voz com que diz — *meu cavallo, minhas botas, etc., etc., etc.*

E já se sabe que o cavallo, a mulher e as botas, sendo trastes de seu uso, ell está dispensado de lhes didicar attenção de especie alguma !

Deixa-se a mulher no ignorantismo mais profundo, e depois, asseverão que ella não tem sufficiente juizo para se conduzir por si mesma !!!

Destinada expressamente a ser victima de todos os preconceitos e vulgaridades da estupidéz !!!

Tudo lhe está mal; se olha, se falla, se ri; e porque ? perguntamos nós !

Ninguem nos dará a razão deste absurdo ?

Sim, é porque a modestia... E que mais ? Não poderá uma senhora ser modesta seuão olhando sempre para o chão, e respondendo por monosyllabos ?

A virtude semelha-se por ventura ao automatismo ?

Nas classes pobres da sociedade é onde ma's funesto resultado se colhe do embratecimento da mulher.

Todas as carreiras industriaes estão-lhe vedadas.

E por isso, só na condição de serva, pode encontrar o pedaço de pão que ha de mitigar-lhe a fome !!

Repare-se que fallo das nossas Americas; na Europa e nos Estados-Unidos, a mulher

exerce quasi todas as profissões que entre nós a preocupação lhe nega.

Quantas vezes este erro funesto leva uma desgraçada até á borda do abysmo, onde cáe e do qual só se levanta no seio de Deos !...

Nós sabemos perfeitamente, que toda a familia necessita de um chefe, e que o chefe natural da familia, é o homem.

Sem duvida, que ha deveres naturaes que prendem a mulher ao lar domestico, porém é precisamente desde o seio de sua familia que ella pode ter uma influencia directa, sobre essa mesma familia, sobre a nação, e sobre a humanidade inteira.

Perguntar-me-heis :

Como? Pois a mulher pode ter outra influencia que não seja sobre as panellas? outra missão além das escuras, outro porvir que não seja fazer o rol da roupa suja?

Deveras?!

Pois, escutae-me. E a educação de seus filhos?

E essas palavras, suaves como o aroma das flores, de tanta immensa consolação, que a mulher pode verter sobre as feridas que o contacto do mundo, que a pratica da vida, abrem no coração do homem ?

Ah! que não sabeis o que perdéis, vós que condemnades a mulher ao materialismo, vós que trocaes a amizade de vossa companheira, pelos gozós brutaes da dissipação...

Vós que não conheceis da familia, se não o nome, vós que não daes valor a essas conversas intimas, onde se pensa em voz alta, onde os corações todos reunidos por estreito laço de carinhos se comprehendem por um olhar, se correspondem por um sorriso, e recolhidos em si mesmos, fazem uma felicidade, que a palavra humana nem pallidamente pode reproduzir !!

Sim! E' dos labios da mãe que o filho ouvirá a voz, sagrada e imperiosa do dever, traçar-lhe a senda que tem de percorrer na vida; é da voz meiga e magestosa da mãe que elle deve aprender as primeiras lições da resignação, da paciencia e da coragem, tão necessarias n'este mundo. E' no silencio da noite, na conversa íntima do esposo com a esposa, que elle relatará á aquella, que é metade de si mesmo, suas esperanças, seus projectos, e até as decepções que de dia em dia marçáo uma por uma as rugas da sua fronte; e é dos labios da esposa que elle tomará conselhos para os

projectos, fé para esperanças, e consolação para as decepções, porque o coração da mulher, illustrada sobre sua verdadeira missão, é o receptaculo das dores e dos prazeres da familia: é em tomo d'ella que todos se grupão e ella se é joven e graciosa, ali estará meiga e risouha como o anjo da esperança; se é velha, santa e immaculada como a mesma mãe do salvador.

Eis pelo que desejamos a emancipação moral da mulher; porque luctaremos sempre em demonstrar que ella não é inferior ao homem em intelligencia, e porque pugnaremos, sempre pelos seus direitos desprezados, e pelas sua missão desconhecida.

## MISTERIOS DEL PLATA.

ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO.

Com o mundo começon uma lucta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a matéria, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminável lucta.

MICHELET, Historia de França.

### I. — O MENSAJEIRO.

Era uma formosa tarde do outono de 185... A vegetação principiava a vestir esse veo amarelado, tinta pallida e desbotada, que annuncia a proximidade do inverno.

Os moribundos raios do sol do poente illuminavão com fraca claridade as immensas planicies da provincia de Buenos-Ayres, em quanto que nuvens cor-de-rosa e doiradas cingião caprichosas o orisonte.

Uma suave brisa fazia ondular apenas os talos das brancas e vermelhas margaridas, que entapizão as campinas da Imperatriz do Prata, beijando a asté da tímida violeta que se esconde envergonhada entre sua verde folhagem; em quanto que o gigantesco ombú permanecia em desdenhosa immobidade, porque só aos tufões furiosos do minvano se agita sua immensa mole.

Ao longe voavão espantadizos os repugnantes chimangos, as brancas gaiotas ião esconder-se entre os junços da lagoa, em quanto que la no meio do deserto resôava o gemido do fatidico chaja!

Aos desbotados e incertos resplendores do crepusculo, havia succedido uma d'essas noites sem luar, de Céu transparente e estrellado, noites tristes e serenas, como a derradeira hora do homem que viveo em paz com a sua

conciencia, e encara a eternidade com a fé e a tranquillidade: co' justo no coração!

A poucas leguas do Paraná, dominando verde e aprasível outeiro, estava situada a estancia de um dos servos do dictador Rosas.

Sentados os peões em semicirculo em frente dos ranchos, ouvião em silenciosa admiração a aquelle d'entre os companheiros que ao compasso de melodioso violão cantava umas saudosas decimas de amor. Musica e palavras tudo era selvatico, triste e monotono como o deserto que as inspira.

O cantor dera ao vento a ultima estrophe do seu canto; e com a mão segurando o violão, a cabeça encostada no braço do violão mesmo, parecia ainda debaixo da impressão da musica que executara. O resto da gente calada, escitava ainda o echo que se esvacia, e que a brisa espalhava no deserto; de subito, no meio desse silencio, a voz do gallo soltou aquelle seu canto fatidico, que entre os campeiros do Prata é agouro da chegada dos Indigenas.

— Nove e meia! disse uma mulher, os gallos cantão os Indios não andão longe. No mesmo instante resoava ao longe o galopar veloz de um cavallo.

— Está ouvindo? perguntou um rapazola a outro homem já velho, que estava sentado ao seu lado.

Vem da cidade, respondeo o velho ao seu interlocutor, elle já está perto; não o ouvimos antes, porque estavamos embebidos na cantoria de Santiago.

— Pensa V. m. que venha para aqui? tornou de novo a perguntar o rapaz.

— Pouco vivirá quem o não veja; disse o velho em tom sentencioso.

Não tardou o latido dos cães em annunciar que o passageiro, que a aquella hora cruzava pelo sertão, dirigia-se a estancia mesmo: e o rinchar contente do ginete advertio que reconhecia a casa, e o rinchar dos outros cavallos da estancia responderão em guisa de saudação; os cães, reconhecendo um amigo, cessarão de latir, e um minuto depois cavalleiro e cavallo pararão na tranqueira.

— Olé! da casa! Ave Maria Purissima! gritou o viajante.

— Sem culpa concebida, (respondeu a voz do moço que tivera interrogado o velho, momentos antes. — O que deseja para o servir?

— Já me não conhece? Sou Miguel.

— Queira perdoar; como a noite está es-

cure, não o tinha conhecido. — Vai de passagem, ou passa a noite por aqui?

— Venho da cidade, e trago papeis lá do velho para o Sur. Juiz de Paz.

Mal acabava de fallar o Viajor a tranqueira abriu-se, e o mensageiro deitou pé em terra; não sem se ver rodeado de todos os trabalhadores da estancia, porque n'aquelle momento o conductor dos officios do Governador para o patrão e proprietario da estancia, e Juiz de Paz do districto, era uma personagem importante, com a qual todos desejavão manifestar familiaridade e antiga camaradagem.

O Juiz de Paz em pessoa sahio a receber o enviado, e fazendo-o entrar na sala das visitas, feixou a porta e ficou em *tête-à-tête*, como dizia um francez, com o proprio, que se dignava dirigir-lhe S. Exa, Ilustre Restaurador das Leis!

(Continúa.)

### Ultimo dia do anno.

Como nuvem fugitiva,  
Como luz que cruza errante,  
Qual a dita de um amante,  
Este anno eu vi passar!

Assim rapidos voarão  
Os meus annos de ventura,  
Dos meus sonhos a doçura  
De minha alma a doce paz!

Esta vida, quanto encerra,  
Este mundo transitorio,  
Tão veloz, tão illusorio  
Hoi de ver sempre eclipsar!

As virtudes, a belleza,  
A mocidade, os amores,  
Tudo são do tempo flores,  
Murcchando ao dessabrochar!

Flores cheias de perfume,  
Cujo aroma assaz fagueiro,  
Tambem voa passageiro  
Para nunca mais voltar!

Adeos anno! vae perder-te,  
Entre o pó do esquecimento,  
Como folha que do vento,  
Vae-se rapida arrastar.

J. P.

### THEATROS.

O anno de 1852 — pintá mal para os Theatros.

No anno bom estreou-se a Opera de Battista — *Anna de Prié*.

Musica menos que mediocre, sem inspiração e sem poesia.

Musica descoroada que nada diz ao coração, e que nada offerece a sciencia para analysar.

Seria muito bom que se não enxertassem composições alheias, quando se annuncia uma Opera debaixo do nome de seu author. Verdade seja que o respeitavel Publico está quasi sempre por tudo que os outros querem. E depois dizem que o Povo é impertinente! qual! a respeito de Theatros ainda se aturão muitas maçadas, e ainda por cima são applaudidas!

Contudo, seja porque o Povo já começa a desconfiar, das celebridades europeas, que deixão os Theatros de Napoles, Milão, etc., etc., e passão a Equipócial por paixão de viajar, ou seja porque os cantores não... não... (aqui é omissão) coçar as orelhas, o consoante não chega — ao bom entendedor-meia palavra basta — O que nós dizemos é que o Sur. Vega podia ter sido melhor aconselhado na sua escolha; particularmente ao artigo Barytonos foi infeliz — um porque tem a voz dura e pesada que parece de pedra — o outro porque a não tem, nem pesada nem leve.

Dizem que o Theatro Italiano fecha-se, ou para melhor dizer, a companhia Lyrica suspende seus trabalhos scenicos até a estréa do Theatro Provisorio.

Deos os cria, e elles — ajuntão-se. Eu me entendo, e Deos me entende.

Domingo passado foi o *Desertor francez*. João Caetano e a Srna. Ludovina reprezentarão; isto basta para dizer-se que foi uma noite cheia; porque dois Artistas de primeira ordem sustentão até os Dramas mais mediocres, só com o prestigio do sem talento.

*Fayel*, annunciado para a quinta feira passada, teve a infelicidade de lhe tocar uma noite tempestuosa.

Breve irá a scena—*Manoel Raymundo*, Drama Vaudeville Original Brasileiro, do Sr. Santos Neves—E' louvavel e muito nobre o empenho com que a mocidade Brasileira trabalha em formar uma litteratura nacional. Deus ajude tão santa empreza, e o Sr. Conservatorio Dramatico não opponha suas sentenças do costume: Isto não é atacar tão altos e insignes litteratos; porém, as suas decisões recordão-me uma anecdota, que heide transmitir ás minhas leitoras, porque eu gosto muito de rifões e de historias.

Pois o caso é—que um creado de um boticario, cansado de socar drogas e de mexer emplastros, assentou com sigo mesmo que era melhor correr esse mundo em cata de aventuras. Mas ao mesmo tempo queria tambem fazer figura; e o que havia elle de imaginar? sabeis o que foi? Robou as receitas todas que ficavão em deposito na Botica, emfitu uma calça preta, um colete preto, amarrou ao pescoço comprida gravata branca, compru um par de lunetas, e com seu habu cheio de receitas velhas começou a viajar.

Ora pois, chegava o nosso Dr. improvisado a uma cidade, e annunciava no Jornal a chegada do estupendo medico, (já se vê, neste seculo ainda há muita gente que acredita no charlatanismo,) e lá ião e cabião os pixotes.

O nosso Dr. ouvia em silencio a relação do paciente, e logo, sem dignar-se proferir uma palavra, levantava-se e pedia-lhe que o acompanhasse até a sua casa. Chegava, abria o habu das receitas, mettia a mão, e tirando uma d'ellas dizia em voz baixa « Deus te ponha a virtude. »

Parece que o Conservatorio Dramatico para poupar-se ao trabalho de ler os escriptos do proximo, joga a loteria, e que, como fazia o homem das receitas, tem uma porção de reprovados e approvados em deposito; chega uma peça, mettem a mão no habu, e mesmo sem dizer um « Deus te ponha a virtude » lá vae uma bordoadá de cego.

Bravo!

Que Jury Dramatico, tão imparcial e tão illustrado, será aquelle que assim praticar abandonando sua tarefa ás mãos da Providencia!

Até outra occasião, minhas queridas leitoras; por sentença do impressor fecho este artigo hoje sexta feira de manhã — *Dos dois Foscari* — fallaremos no nosso proximo numero.

Com este numero vae a estampa dos moldes do — COLETE DE EMANCIPAÇÃO — e os riscos de bordados a ponto inglez e a ponto real.

Para o numero seguinte daremos uma terna modinha de muito bom gosto.

## JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de mais bom tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Srs. WALLERSTEIN e C. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes, 3000 rs. na corte, 4000 rs. para as provincias.

Os Arimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. — Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor n. 20.